FLUXOS NA OBRA E TRAJETÓRIA DE ANTONIO DIAS

Fernanda Pequeno da Silva e Marina Pereira de Menezes
UFRJ (DOUTORANDAS)

Em tempos de globalização, alguns artistas colocam-se de forma mais próxima às ideias de não-fixidez, identidades fragmentadas, diáspora e fluxo, que modificam as fronteiras entre arte local e internacional. Tomando como estudo de caso a trajetória e a obra de Antônio Dias, é possível analisar como a mobilidade de lugares e de experimentações poéticas desse artista paraibano integram-se ao contexto contemporâneo, bem como as relações que se estabeleceram entre a sua produção, a crítica de arte brasileira e o circuito artístico internacional.

Para o desenvolvimento da análise, propomos abordar a trajetória do artista em consonância com o conto “A terceira margem do rio” de Guimarães Rosa, de maneira que as ideias de aridez e desapego ganhem ainda mais força e beleza. Isso só se torna possível nesse momento de revisão historiográfica, tanto de sua obra, quanto da própria historiografia que tem repensado os seus limites e suas interfaces com outras disciplinas. Dessa forma, o uso de referência literária abrange outras possibilidades de abordagem do objeto artístico que são permitidas pela historiografia contemporânea.

Apesar de filho de uma época pós-utópica, tendo vivenciado o maio de 68 *in loco*, a falta de expectativas não coloca a obra de Antonio Dias em um território de apatia ou inércia, mas na busca por um “território liberdade”, no qual o sujeito, livre de paradigmas norteadores, faz ele próprio sua opção tanto pelo entre-lugar - a terceira margem do

rio -, quanto pelo fluxo - pela não-fixidez constante que esse lugar exige. Problematizaremos, ainda, o enquadramento da poética de Antonio Dias pelo seu viés político. Ao contrário, argumentaremos que ela não é nem política, porque não é panfletária, nem social porque não é populista, sendo sim, estrategicamente histórica.

Por fim, refletiremos acerca das ações da arte e da historiografia dentro do circuito globalizado, buscando investigar as colaborações que a leitura de críticos, como Ronaldo Brito e Paulo Sérgio Duarte, tiveram na inserção de sua obra no sistema artístico internacional.

Antonio Dias, globalização, historiografia da arte brasileira